

INTERVENÇÃO E ACÇÃO SOCIAL EM PROL DOS NECESSITADOS. A EXPERIÊNCIA DO PADRE AMÉRICO E DA OBRA DA RUA

Ernesto Candeias Martins
(IPCB-Portugal) ¹

RESUMO: Este estudo histórico-educativo está integrado numa investigação documental e empírica mais vasta sobre a formação dos rapazes abandonados, indisciplinados e delinquentes nas Casas do Gaiato, fundadas pelo Padre Américo (1887-1956) a partir de 1940 e o papel pedagógico dos educadores. O autor analisa, na vertente da historiografia educativa e da educação social, as dimensões e a evolução da Obra da Rua, os aspectos socioeducativos de formação e os contributos dados pelo seu fundador à História da Educação (Social), à História da Assistência à Infância Abandonada e Inadaptada e à História da Igreja em Portugal. O P.e Américo (1887-1956) foi um grande entre os grandes pedagogos portugueses dedicados à formação (educação não formal) de crianças e jovens marginalizados e em exclusão social e no apoio às famílias pobres e necessitadas.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia da infância abandonada; pedagogia da Obra da Rua; intervenção social; acção socio-educativa; reeducação de menores.

ABSTRACT: This historical and educational study is part of a broader documental and empirical research on the training education of the abandoned, disobedient and delinquent boys in 'Casas do Gaiato' founded by Padre Américo in 1940 and the pedagogical role of his educators. The author analyses within an educational perspective the evolution of 'Obra da Rua', the social educational aspects of the training / education and the contribution given by his founder to History of Education (Social), to abandoned child welfare History and the History of Religion in Portugal. Padre Américo (1887-1956) was one among the great portuguese pedagogues devoted to training / education non formal education of maginalized children and young people in social exclusion and to supporting the poor families in need.

KEYWORDS: History of children abandonment; pedagogy of Obra da Rua; social intervention; social educative action; reeducation children and teenagers.

"Eu sou aquela voz que se levanta em Portugal a favor das imensas legiões de pequeninos que vagueiam abandonados pelas ruas e caminhos, sem família, sem amigos. Herdeiros forçados da miséria social. Fiadores da Humanidade. Património da Nação. Sou a voz que se levanta. Trago o ramo de oliveira, que não a bandeira negra das revoluções de sangue." (pp. 58-59) (...) julgo

que a Assistência à criança é um dos grandes problemas nacionais, não apenas sob o aspecto da educação e cultura, mas também sob o ponto de vista da saúde da raça." (p. 134)

(P.e Américo, 1978: 58-59 e 34)

¹ Escola Superior de Educação (Instituto Politécnico de Castelo Branco). Rua Prof. Faria de Vasconcelos 6000 - 266. Castelo Branco (Portugal)

INTRODUÇÃO

O Padre Américo (1887-1956), fundador da Obra da Rua, como homem, como padre e como educador adquiriu consciência do seu 'agir' e das suas acções pelas experiências e vivências que realizou, movendo-se no tempo dos acontecimentos, das conjunturas e das estruturas da sua época (Braudel, 1987). Uniu esses tempos pelo amor e confiança às crianças e aos pobres, aos marginalizados e abandonados, relacionando-se com eles numa 'filosofia do encontro', desenvolvendo nas Casas do Gaiato uma pedagogia da convivência, das relações pessoais e da formação dos gaiatos, que nelas entram.

Tornou-se num 'educador-orientador' na educação dada aos gaiatos, tendo em conta a preponderância pedagógica do 'ambiente' envolvente das Casas e num 'educador social', pelas acções e intervenções, em prol dos seres humanos necessitados. Trata-se de um serviço social voluntário inserido numa pedagogia social, na acepção assistencial, caritativa e socioeducativa. Foi um padre e um 'homem' impregnado de uma espiritualidade activa, ao estilo franciscano, de S. Vicente de Paulo e S. João de Deus. É por isso que merece estar na História da Igreja em Portugal, devido ao modo como realizou na prática uma pastoral social com determinados colectivos e em determinados contextos sócio-económicos, assistenciais, socioculturais, de exclusão e marginalização social, que constituíram um exemplo para muitos párocos do seu tempo, exigindo-lhes uma maior acção em prol das famílias pobres.

Mas acima de tudo, o P.e Américo foi um educador '*pestalozziano*', um S. João Bosco português, pelo amor e dedicação às crianças abandonadas, acreditando que nas suas reais possibilidades de (re) conversão moral e formação, criando uma obra que merece inserir-se na História da Educação Social ou na História da Assistência à Infância no século XX. Tal como ele, houve na nossa história da assistência, vários 'apóstolos sociais' e educadores sociais, que foram figuras extraordinárias que iluminaram as épocas em que viveram, de amor e dedicação à criança, num impulso educativo e axiológico de fazer dela um homem válido para a vida.

Embora a Obra da Rua tenha um carácter sobretudo social e educativo, apresenta um interesse de valor assistencial através do tipo de acções dos padres da rua. Como experiência pedagógica de uma modalidade de pedagogia nova, o 'ambiente' e o estilo organizativo de autogoverno tipo familiar, produziu inegavelmente um valor positivo na recuperação, reconversão mo-

ral e formação pessoal e social dos gaiatos. A eficácia educativa no rapaz está ligada a outros factores educativos existentes nas Casas e Lares do Gaiato, como por exemplo, o exercício da liberdade, o sentido de responsabilidade pessoal, o amor, a confiança, o papel dos chefes ('filosofia de comando'), o poder de iniciativa e a caridade fraterna guiado pela prática da moralidade e do trabalho, sustentáculos dessa experiência.

Na verdade, a popularidade de que gozou e ainda goza no coração do povo o P.e Américo, com a sua Obra da Rua, é bem demonstrativa do carinho pela sua memória e do reconhecimento e valor da sua Obra no País, em África e em outras paragens de língua portuguesa. Nessas paragens sempre encontramos alguém que ouviu falar dele ou o conhece, pelo jornal *O Gaiato* ou por ter visitado as Casas do Gaiato. São testemunhos de uma memória viva da figura deste grande educador e do trabalho que realizam os padres da rua.

A Obra da Rua tem uma actualidade permanente ao ser a denúncia incómoda perante as injustiças sociais, constituindo-se numa proposta de amor e um sinal de esperança no meio dos desvalores acrescentados na época em que vivemos, tão 'contaminados' pelo consumo, pela drogodependência, pela pobreza relativa, pelo analfabetismo, pelo poder da 'imagem', por conflitos e maus-tratos, pela invasão dos meios de comunicação social, etc. Os objectivos pedagógicos e sociais desta Obra mantêm-se presente no amparo ao garoto abandonado e marginalizado pela família e pela sociedade. O veículo da denúncia aos problemas sociais e morais é jornal *O Gaiato* (1944), que continua a ser a 'palavra' nova e apelativa à solidariedade social, no apoio educativo à família e aos filhos, no empenhamento activo, no âmbito da educação, à marginalidade e delinquência existente nas áreas urbanas e suburbanas.

Na verdade, a Obra da Rua apresenta inspirações pedagógicas de outras experiências sobre crianças abandonadas e marginalizadas, mas ela foi e é fruto da intuição do seu fundador e dos seus seguidores, indo ao encontro das necessidades e carências que apresentam as crianças que vagabundeiam pelas ruas ou 'Deus dará' ou 'sem eira nem beira'. Ela integra nos seus espaços e acções, todos os seres humanos pobres e abandonados.

Fundada em 1940, a Obra gerou uma dimensão social e habitacional ('Património dos Pobres' em 1952), uma dimensão assistencial e outra dimensão educativa ou pedagógica, com as

Casas e Lares do Gaiato. Todas estas dimensões dimanam duma filosofia católica de vida, incutida pelo Pe Américo (relação oração e acção), expressa por um espiritualismo e um franciscanismo que contém um amor actuante em prol dos mais desfavorecidos. Foi pelo amor, pela verdade, pelo desejo de justiça social, pela solidariedade humana e de fazer bem ao próximo (caridade social), que essas dimensões se expandem na altura como uma 'bola de neve' e desde um 'grão de mostarda'.

É do conjunto dessas acções e intervenções sociais e educativas, que destacamos a figura de "privilegiado que incarna o sonho da comunidade do seu tempo" (Barbosa, 1987: 43), principalmente o das famílias mais pobres. Pe Américo tornou-se o foco de atracção do seu tempo, admirado por crentes e não crentes, por nacionalistas e comunistas, pelos governantes e religiosos, magnetizando vontades e esforços de todos os sectores da sociedade que canalizam entusiasmos e dádivas, dando sentido às próprias aspirações e ao sentir da voz popular¹. As admiráveis experiências práticas de cariz educativo, com as Colónias de Campo do Garoto da Baixa de Coimbra (1932...) e as Casas do Gaiato (1940...), e de acção e caridade social, com as suas visitas domiciliárias, as quais não foram resultado de uma metodologia científico-pedagógica elaborada, mas fruto da intuição desde a realidade e experimentados ao longo dos anos.

Essa inclinação socioeducativa e assistencial nasce-lhe do 'encontro' com os 'outros' seres humanos necessitados (filosofia do encontro). Daí que a sua Obra é social e educativa, pois nela assiste, educa e socializa para a vida. Todas as suas experiências educativas expressam na prática um naturalismo pedagógico, em que o 'ambiente' é um factor determinante para a autonomia do rapaz abandonado, pobre e vadio, promovendo-lhe um activismo de vida comunitária pelo trabalho responsável e por uma educação personalizada.

¹ Alguns admiradores da Obra dirigiam cartas endereçadas ao Pe Américo, como este assinante do jornal O Gaiato que se exprimia assim: "Cremos Pe Américo que ninguém amará e compreenderá melhor a Obra que os pais verdadeiramente dignos desse nome; e por isso nós, que com a Graça de Deus procuraremos sê-lo no mais elevado e completo sentido da palavra, nos lembramos dos seus pequeninos (...) Recordo agora duas frases de um director espiritual que tive durante vários anos: 'Ao rapaz deve exigir-se tudo, porque ele ou dá tudo ou não dá nada (...) A meu ver, é este o papel de V. dando aos rapazes aquele ambiente livre em que eles se sentem senhores do seu papel e acarretam com as responsabilidades dos seus actos, (...)'" (Pe Américo, 1978: 111-112). Esta e outras valorizações por carta ou pessoalmente foram constantes, quase todas publicadas no O Gaiato e 'Correspondência dos Leitores'.

Por conseguinte, a Obra da Rua, santuário de histórias de vida de seres humanos sem voz, inseriu-se na sociedade e nas suas mudanças do seu tempo, podendo ter pouco de ultrapassado e muito de antecipado ou inovador nos tempos actuais em termos pedagógicos e sociais, segundo a perspectiva de avaliação institucional. Para o Pe Américo “ (...) a *lógica da Obra está fora e acima das tuas lógicas*” (Pe Américo, 1939: 2, e 1942: 4), já que os valores morais e humanos, tais como a justiça, a verdade, o amor, a paz e a solidariedade, não são simples momentos temporais dialécticos no interior de uma teoria de conflito, mas são uma ordem tranquilizadora nas vidas e nas almas humanas e não uma ordem imposta. E, assim procedeu e actuou, lutando contra as injustiças e as incompreensões, no período salazarista e levando uma mensagem de esperança aos desafortunados e abandonados do país, África e Brasil (viagem em 1952 ao Rio de Janeiro).

Podemos admitir que a Obra é como um organismo vivo que *‘dá e recebe’* educa e comunica. É sintomático o seu símbolo de um garoto de braços abertos, sorridente a pedir amor. À luz desse amor ao pobre e à criança, é fácil entendermos a admiração incontida que saía espontaneamente dos lábios do seu fundador *‘Fui eu quem fiz isto?’* De facto o fundador foi o instrumento dócil, inteligente e consciente impelido para ser o seu realizador, mas os seus continuadores são os (antigos) gaiatos e os padres da rua. Não admira, pois, que a Obra tenha aparecido na sociedade do seu tempo como uma palavra nova de esperança e salvação de muitos seres humanos abandonados, necessitados e excluídos.

Após a sua morte a Obra da Rua tem seguido o seu caminho com a bandeira do seu símbolo, sem desanimar, lutando contra as adversidades e incompreensões sobre o seu projecto pedagógico, com dificuldades económicas, mas anunciando a mensagem que o Pe Américo transmitiu e legou. A pobreza, a miséria e os bairros sem condições higiénicas e morais não diminuíram, nem as famílias esperando uma casa para viverem, nem as crianças abandonadas (moral e socialmente) e marginalizadas esperando *‘amor’*, nem os doentes incuráveis que não têm onde viver nem morrer, etc. diminuiu (Pe Manuel António, 1990: 1 e 8). Para estes seres necessitados aí está o cimento firme da Obra da Rua.

Iremos no nosso estudo, que se integra numa investigação documental e empírica mais vasta sobre o papel pedagógico nas Casas do Gaiato, abordar na vertente social e educativa as dimensões da Obra da Rua e os contributos dados pelo seu fundador à História da Educação (Social), à História da Assis-

tência à Infância Abandonada e Inadaptada e à História da Igreja em Portugal. O Pe Américo foi um grande entre os grandes pedagogos portugueses dedicados a uma metodologia formativa (educação não formal) a colectivos de crianças e jovens com estigmas diversos e em exclusão social.

1.-As dimensões socioeducativas da Obra da Rua

Numa primeira reflexão avaliativa que façamos à Obra da Rua, surpreendo-nos o modo como o Pe Américo conseguiu erigir uma obra de grande dimensão, na estreiteza de meios e dificuldades que teve que passar. Outra admiração maior é o facto de ter lidado com crianças abandonadas ou pertencentes a famílias não normais ou sem família, cheias de carências e deficiências e inadaptadas social, escolar e moralmente, conseguindo dar-lhes uma 'casa-família'. Deu-lhes a estes seres inocentes a possibilidade de uma educação para a vida com o objectivo de se tornarem homens responsáveis e trabalhadores válidos. De facto, aquela Obra, criada em 1940 com a preocupação educativa e de acolhimento da criança abandonada, pobre, órfã, vadia, marginalizada, inadaptada e sem família, começou a difundir-se por todo o País. Constituiu-se em termos legais (década de 60 e 80) numa obra de solidariedade social, em que a vertente social, assistencial e educativa está presente nas Casas e Lares do Gaiato.

Na sua labuta assistencial, desde a década de 30 do século passado, o Padre Américo incarnou dotes de humanismo social, de naturalismo pedagógico e de personalismo, tendo criado, espaços formativos em autogoverno para esses rapazes provenientes da rua, de modo a sentirem-se felizes em família e em amor: as Casas do Gaiato.

Os fins educativos dessas Casas são o de fazer de cada rapaz um homem válido, tendo como objectivos pedagógicos o princípio dos 'RRR' ('recolher' em família, 'recuperar' fisicamente pela cura terapêutica e 'reconverter' moralmente), e o princípio dos 'PPP' ('prevenção', 'protecção' e 'promoção' pessoal e social). Daí que este duplo tríptico em que assenta a pedagogia da Obra da Rua é a 'escola' (educação básica), o 'hospital' (educação da saúde e higiénica) e a 'capela' (educação religiosa e moral), a par do 'ambiente' (meio físico-natural, social e educativo), do 'trabalho' (aprendizagem nas oficinas, no campo e as obrigações comunitárias) e do 'amor' (relações de amizade em família). A pedagogia do 'encontro' envolve todos estes elementos educativos, favo-

recendo a auto-educação, a confiança e a autonomia e promovendo a convivência, as relações pessoais e a solidariedade.

Em termos histórico-educativos, a Obra, na sua globalidade, é a expressão do ideário educativo e social do Pe Américo, do teor das acções socioeducativas e assistenciais e do projecto pedagógico idealizado para as Casas e Lares do Gaiato, o que nos leva a distinguir nela, ao longo dos tempos, quatro dimensões, cada uma com os seus respectivos objectivos:

- *- *Dimensão assistencial, caritativa e espiritual.* Trata-se da preocupação pelos pobres, mendigos, indigentes, doentes e presos dos cárceres, a maior parte deles à mercê das injustiças sociais e da falta de uma política social do Estado, capaz de atacar as causas de muitas situações em que esses colectivos viviam. As acções dos padres da rua (responsáveis da Obra) são de teor caritativo (caridade social) e assistencial, pretendendo ajudar material e espiritualmente esses excluídos da sociedade². Esta dimensão está subjacente, desde a *'Sopa dos Pobres'* (1932), nas acções assistenciais como

² A filosofia da caridade do Pe Américo, cheia de espiritualidade ao estilo franciscano, está presente no seu apostolado, que está designado por *'gigante da caridade'*, ao ser o *'pobre'* a pérola preciosa que teve pelo caminho (Conferência Episcopal Portuguesa, 1987: 4-6).

visitador social do fundador às famílias pobres, aos doentes, nos hospitais, como assistente religioso nos estabelecimentos prisionais (tutoria de infância, cadeias na região de Coimbra) e às acções após a criação da Obra. Todo este serviço social, voluntário, integra todas essas intervenções com os seus respectivos campos de acção, no âmbito de uma pedagogia social.

- *- *Dimensão socioeducativa e/ou sociopedagógica.* Numa primeira fase esta dimensão vai desde 1935 a 1940 com a realização das Colónias de Campo no Verão, na região de Coimbra, para os garotos da zona da *'Baixa'* de Coimbra. Neste período destacamos o papel do Pe Américo como *'educador de rua'* à infância abandonada no seu ambiente degradante, como assistente religioso na tutoria e como *'educador'* desses rapazes durante o ano, dando-lhes apoio educativo e assistencial, numa sala alugada na Rua da Matemática (Coimbra).

Na segunda fase, iniciada em 1940 com a compra da quinta em Miranda do Corvo onde instalou a Casa do Gaiato para o *'rapaz da rua'* e até à sua morte em 1956, cria as Casas e Lares para os gaiatos (Porto, Tojal, Setúbal e Paredes) e, ainda, em 1940 *'Lar do Ex – Pupilo dos Reformatórios'*, que constituiu um modelo inovador institucional de apoio à reinserção dos menores (maiores de 16 anos), saídos dos estabelecimentos de reeducação do Estado.

Esta dimensão socioeducativa é a que absorve mais tempo aos 'padre da rua'. Através de crónicas jornalísticas no *O Gaiato*, divulga-se os flagelos sociais e educativos das classes mais desfavorecidas, das crianças e os objectivos socioeducativos para a consolidação da Obra. Destacamos neste sentido o papel de 'educador-orientador' (paternalista) dos padres da rua nas Casas e Lares do Gaiato, regidas por um sistema de autogoverno em família.

*- *Dimensão social e habitacional – 'Património dos Pobres'* (1952), sob o lema *'cada freguesia cuide dos seus pobres'*, na ajuda à (auto) construção de moradias destinadas às famílias pobres ou com dificuldades, radicando-as nos seus lugares de residência (rural e urbana), num modelo de cultura popular (arquitectura da casa com o seu quintal), de casas simples, adequadas a um bom ambiente, em moldes modernos de higiene e de espaços. Esta iniciativa social, única no seu tempo, designada por *'Património dos Pobres'*, apresenta um regulamento próprio, com o intuito de irradiar muita miséria nas zonas urbanas, pretendendo que as paróquias, com os seus párocos à cabeça, se empenhassem nesta intervenção³.

Cabe às Comissões Fabriqueiras Paroquiais zelarem por esta iniciativa.

Pe Américo solicitava e apelava à solidariedade do povo (donativos), através de *O Gaiato*, das rádios locais, das homílias, viajando pelo País e por África. Rapidamente se construíram bairros ou moradias por todo o País, havendo à sua morte mais de 3.500 casas construídas, a maior parte por auto-construção alojando milhares de famílias⁴. Foi, talvez, a maior iniciativa privada de política social realizada no Estado Novo, tendo agora surgido paralelamente a Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos, na ajuda à compra e/ou (auto) construção de casa para os (antigos) gaiatos que vão constituindo família e não têm posses económicas. O Pe Américo, além de intentar resol-

³ É ilustrativo a transcrição de uma carta do Pe Américo, pertencente ao Pe Adriano Santo (antigo pároco de Vila Verde –Figueira da Foz), de como se mobilizava os párocos para resolverem as situações habitacionais das famílias pobres nas suas paróquias. Eis a sua transcrição:

"Paço de Sousa, 10/02/1956.
Meu caro Pe Santo:
Julguei que só em Roma mas afinal, também em Vila Verde! Costumamos dar 5 contos por cada casa, quando chega ao telhado. Como, porém, tu és um padre novo vão 15.000\$00 para as tuas duas casas do Património.
Coragem! Em frente!
Pe Américo!"

⁴ Todos os padres da rua empenham-se neste movimento de construção de moradias, especialmente o Pe Horácio, na região centro e sul do País. Tivemos a oportunidade de falar várias vezes com este 'padre da rua' que nos narrou muitos episódios dessa campanha habitacional, das suas visitas às famílias pobres contempladas. Ainda hoje, são transcritos no *O Gaiato* muitas dessas ajudas económicas à habitação.

ver muitas situações habitacionais urbanas e rurais, promoveu um movimento cristão (pastoral social) de solidariedade e de consciencialização da sociedade para este flagelo social da época.

- *- *Dimensão terapêutica e (médico) assistencial aos jovens deficientes e idosos.* Referimo-nos ao 'Calvário', criado em 1956 (Paredes), que é uma quinta ampla nos mesmos moldes organizativos das Casas do Gaiato (regime de autogoverno familiar), destinada à hospitalização, tratamento clínico, reabilitação e recuperação para a vida de muitos jovens e jovens adultos deficientes ou com doenças incuráveis abandonados e de idosos, sem apoio assistencial, encafuados em casa, nas casas de famílias ou deambulando pelas ruas ⁵. Foi e é uma obra ímpar, ao permitir a

⁵ A obra Pe Baptista: *O Calvário*, Paço de Sousa, Ed. Casa do Gaiato, 1978, que dá uma visão real do ambiente dessa Casa e dos seus habitantes, assim como, os documentários da RTP -Arquivo Histórico-Filmoteca, da inauguração (n.º 6506607, de 17/07/65), da entrevista com o Pe Baptista (n.º 8005152, de 24/08/80), das actividades (n.º 8021698, de 11/07/80) e outras imagens (n.º 8601759), do Programa '70 x 7' de Vilas Boas de 1986.

⁶ Foi na génese do projecto de um Centro Hospitalar que cobre a região do Vale do Sousa que os médicos e Autoridades de Saúde dos dois concelhos referidos que surgiu a ideia de dar ao novo Hospital o nome do Pe Américo, sendo consumada pelo Despacho do Secretário de Estado da Saúde em 1993, no qual se lembra a vocação humanista e humanitária deste apóstolo que intentou minorar o sofrimento humano através de acções e obras. Nelas tiveram o denominador comum o homem está presente o acolhimento, a integração do recém-chegado, a partilha do 'ter' e do 'dever', a reabilitação, etc. preocupações que coincidem com os objectivos de quem presta cuidados e serviços de saúde (O Gaiato, 1994: 1 e 3).

esses doentes e deficientes permanecerem em família, terem um 'lar' para viverem com assistência médica, dando-lhes a possibilidade de alguns deles serem válidos para a vida, colaborando nas tarefas comunitárias e trabalhando no que podem e à medida das suas capacidades.

Na época do Estado Novo, muitos doentes mentais e idosos, após algum internamento hospitalar, muitos deles sem posses, eram enviados para as suas famílias ou internados em albergues ou algumas casas de misericórdia desde que os admitissem. Ora o ideal era a existência de uma assistência médica e psiquiátrica domiciliária ou em vivendo em 'Lares' sob regime familiar. Neste sentido a Obra da Rua foi ao encontro dessa necessidade.

Houve ainda a intenção do Pe Américo, em criar a '*Casa do Padre Inválido*' (junto aos seminários) que albergasse o clero idoso, doente e inválidos pela idade, de modo a continuarem a viverem em comunidade, mas só mais tarde se materializou esta ideia em algumas dioceses (Coimbra). No fundo, esta dimensão é tão reconhecida na sociedade que recentemente foi dado o nome do fundador ao Centro Hospitalar do Vale do Sousa, dando cobertura aos concelhos de Penafiel e Paredes ⁶.

Enfim, a Obra da Rua assemelha-se a uma árvore, para a qual o P.e Américo foi o campo e o jardineiro e o Evangelho o 'adubo' (semente). Os ramos são as dimensões que foram re-bentando à medida das necessidades, na sua evolução. Ou seja, as Casas e os Lares são os ramos verdejantes cheias da doce seiva (gaiatos) que vão dando frutos e sementes.

Desta forma, a natureza da Obra continua vigente até aos nossos dias nos lemas por ele difundido: *'Todo o regresso a Nazaré, é progresso social cristão'* (doutrina filosófico-teológica, axiológica, espiritualismo activo, caridade social), *'Cada freguesia cuide dos seus Pobres'* (Património dos Pobres – vertente social e habitacional) e *'Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes'* (Casas do Gaiato – vertente educativa e pedagógica). Todas estas dimensões da Obra da Rua estão impregnadas pela doutrina do P.e Américo, pela sua filosofia de vida e pelo seu legado social e educativo. É normal que entre todas essas acções, a Obra dê mais ênfase à vertente educativa e social, integrando-se essas intervenções nos vários campos que constituem o objecto da pedagogia social, o que consolida a ideia de que o Padre Américo e os padres da rua exercem intervenções de educador social.

2.- Consolidação da Obra da Rua

A evolução da Obra da Rua após a morte do seu fundador (1956) segue as pegadas da sua doutrina social e pedagógica, desenvolvida numa autêntica filosofia e/ou pedagogia de 'encontro' entre os gaiatos, com os pobres e os necessitados, com os povos e as culturas de expressão portuguesa em África, e com a sociedade em geral. Mantém-se o mesmo propósito de servir, recolher e educar os sem família, os pobres e os excluídos. O maior legado deixado pelo fundador é o facto de serem os próprios gaiatos e padres da rua os seguidores da Obra, de modo a estendê-la à sociedade e a criar novos horizontes culturais, com o intuito de apelar à verdade, à paz, à justiça social, à solidariedade, remediando muitas situações de pobreza e miséria e amparando a criança abandonada, tendo no jornal O Gaiato o seu veículo difusor.

Os actuais padres da rua empenham-se em seguir as posições doutrinárias do fundador, com dificuldades de meios e de auxílios até porque os rapazes que hoje entram nas Casas apresentam sintomas diversificados muito distintos do tempo do P.e

⁷ Do tempo do Pe Américo só se mantém o Pe Carlos Galamba na Casa de Paço de Sousa já que o Pe Horácio faleceu há poucos anos. Posteriormente, entraram os seguintes padres que ainda hoje se mantêm na Obra: o Pe Manuel António que entrou em 1957 e foi fundar a Casa do Gaiato de Benguela (Angola) em 1963 onde se mantém; o Pe Baptista que veio em 1956 (?), esteve na Casa do Tojal até 1958, transitando para o 'Calvário' (Beire) onde se mantém; o Pe Acílio que entrou em 1957 para a Casa de Setúbal e hoje encontra-se na de Paço de Sousa; o Pe Telmo que entrou na Obra em 1959 (?) fundou em 1963 a Casa de Malange (Angola); Pe José Maria entrou para a Casa do Gaiato do Tojal em 1958, transitou para Paço de Sousa (1963) e depois em 1967 fundou a Casa do Gaiato em Maputo (Moçambique) em 1967, onde entrou em 1999 o Pe Manuel Custódio Langane proveniente da Ordem dos Servos de Maria; Pe Luís A. Barata que esteve na Casa do Tojal entre 1963-1990, deixando posteriormente a Obra; Pe Manuel Cristovão que entrou em 1990 para a Casa do Tojal, onde tinham estado os padres Abel e Abraão, sendo actualmente o seu responsável; Pe João (Miranda do Corvo) e Pe Júlio (Setúbal) no início da década de 90 do século passado. No final dessa década entrou para Paço de Sousa Manuel Mendes (filho do antigo-gaiato Júlio Mendes redactor do *O Gaiato*).

⁸ Em 1 de Agosto de 1950 realizou-se a 1.^a Reunião Geral entre os padres da rua e os 'chefes' das diversas Casas e Lares do Gaiato, convocada pelo Pe Américo. Em 24 de Setembro de 1957, nova reunião das comunidades agora sem a presença do fundador, onde se discutiu a formação do gaiato (religiosa, profissional, desportiva e cultural) para torná-lo um homem útil e estimado na sociedade (Silva, 1957: 1 e 4; *O Gaiato*, 1957: 1-4). Regularmente realizam-se essas reuniões nas comunidades dos gaiatos.

Américo, o que requer um redobrar de atenções e dedicações ⁷. Eles são os responsáveis espirituais das Casas e Lares, reunindo-se mensalmente para conhecerem melhor a sua vocação e o legado do fundador e para se enriquecerem com a partilha de experiências. Periodicamente há reuniões entre os padres da rua e os chefes das Casas e Lares, para tomarem mais consciência da sua responsabilidade e dos problemas que afectam os rapazes, estabelecendo estratégias de acção institucional ⁸. É de destacar o papel das senhoras voluntárias, autênticas mães para muitos dos rapazes e, ainda, os benfeitores e antigos gaiatos na dedicação diária à Obra.

A Obra da Rua como um autêntico corpo vivo apresenta duas faces: uma delas orientada para os ricos e remediados lembrando-lhes a doutrina do fundador para a justiça distributiva e solidariedade para com os seres necessitados, principalmente através do jornal *O Gaiato*; e a outra face que é a dos pobres e dos abandonados, dando-lhes conforto espiritual e material, acolhimento, educação e uma família.

Á medida que se vai formando o rapaz passa-se à sua inserção na sociedade em empregos estáveis, na concretização do objectivo: "*Queremos uma sociedade que compreenda o valor do trabalho e que não explore o Menor*", dignificando a pessoa do gaiato (Pe Américo, 1983: 147). O ambiente de miséria em que se vivia no regi-

me salazarista fez emigrar para fora do País milhares de portugueses na procura de um ganha-pão que sustentasse a família e desse um futuro aos seus filhos. Neste contexto P.e Américo pretendeu criar 'colónias de trabalho livre' em África (Angola, Moçambique), em vez dos empregos temporários, do desemprego, da exploração salarial ou dificuldades que lançassem os gaiatos, já adultos, na miséria. E conseguiu para muitos deles empregos. Após o 25 de Abril de 1974, enquanto muitos desses gaiatos regressaram a Portugal e reconstituíram as suas vidas, outros permaneceram nesses países de expressão portuguesa auxiliando a expandir a Obra.

Foi, nessa intenção de possibilitar uma melhor vida para os gaiatos, que P.e Américo acredita *"Integrar na Nação os seus valores reais pela garantia de uma profissão honesta. Quem se furta a esta obrigação"* (P.e Américo, 1986: 189). Essa massa humana valiosa tornou-se válida e teve e tem uma vida mais risonha: *" (...) As possibilidades espirituais destes filhos de ninguém são uma riqueza incomensurável. São dóceis, obedientes, gratos, espontâneos, trabalhadores, amigos. São extraordinariamente solidários"* (P.e Américo, 1978: 60). Ainda hoje se procede à colocação dos rapazes em empregos ou permitindo estudar (cursos técnicos, superiores), implicando uma aposta no valor e nas competências por eles adquiridas. Esta capacidade de inserção social e de cidadania faz que a Obra tenha eficácia social e pedagógica (valorização).

Vejam agora alguns aspectos da expansão e estabilização da Obra da Rua nos últimos 50 anos que expressam a presença do projecto social e pedagógico do P.e Américo:

- *- *Dimensão organizacional - Casas do Gaiato em Portugal e África.*
Em todas as Casas do Gaiato portuguesas, com um regime de auto-governo em família, houve ou há em actividade uma Escola Básica do 1.º ciclo (primária), o ensino recorrente, nocturno e educação especial com psicólogo e assistente social. Estabilizadas estas Casas e Lares do Gaiato a Obra expandiu-se para África. Desde a deslocação do P.e Américo a África em 1952, com intenção de voltar em 1956, ele projecta a abertura de Lares da Casa do Gaiato para os rapazes que lá se empregavam e pudessem seguir a missão da Obra, mas a morte surpreendeu-o. Só em 1960 foi possível ao P.e Carlos e P.e Horácio rever esse projecto e procurar colocações para muitos gaiatos capazes de seguir uma vida autónoma. Marcavam o desafio de África numa paixão de servir os pobres e as crianças.

Em 1962 segue-se nova viagem a Angola, com o P.e Telmo a escolher Malange para abertura da Casa do Gaiato e o P.e Manuel António a 'Granja dos Rapazes' (Calamoxito) em Benguela. Foram fundadas ambas as Casas, com enormes quintas, em 1963. Na altura havia missões que acolhiam crianças abandonadas constituindo-se em centros de escolaridade e formação humana e profissional, como, por exemplo, a 'Casa dos Rapazes' de Luanda e Huambo, dos padres do Espírito Santo. Em 1967 foi a vez de Lourenço Marques (hoje Maputo), em Moçambique, partindo o P.e José Maria, acompanhado de dez rapazes, com idades entre os 8 e os 25 anos, para a Quinta de S. Tiago (55 hectares) e hoje em Massamá.

Em 1975, com a independência dessas antigas colónias portuguesas em Estados, devido aos conflitos internos (guerras), os padres da rua, sem condições para prosseguirem, abandonam desoladamente, ficando extintas as três Casas. O regresso a África foi retomado a pedido das autoridades governamentais desses países africanos, na década de 80, ocupando-se os mesmos padres da rua das suas Casas, estando actualmente numa fase de reconstrução e consolidação, ajudando na luta contra as misérias, flagelos provenientes de guerras, pobreza e instabilidade política e que assolam as gentes dessas terras. Dava-se, assim continuidade ao sonho do P.e Américo em terras moçambicanas, onde viveu dezoito anos.

Todas estas Casas, com as suas oficinas, exploração agrícola e escolas cresceram e cumpriram a sua função socioeducativa, apesar das dificuldades decorrentes da falta de meios humanos e materiais. Elas desempenham um grandioso papel no desenvolvimento comunitário para as populações circunvizinhas. A Obra prossegue a sua missão de servir o pobre e as crianças e jovens abandonados e flagelados pela guerra civil, dando-lhes alimentação, saúde, higiene e uma educação geral e oficial, convertendo-se na vanguarda de instituições de assistência à infância nessas paragens africanas.

*- *Dimensão caritativa e espiritual - Conferências vicentinas.* Mantêm-se vivas graças à participação de muitos antigos-gaiatos e suas respectivas famílias, constituindo-se em grupos sócio-caritativos paroquiais de intervenção, em colaboração com a Sociedade Vicentina e as paróquias da zona, ajudando os pobres, no 'Património dos Pobres' (ajudas à auto-construção), etc. Neste aspecto o P.e Horácio teve um papel preponderante na expansão do espírito vicentino criado pelo

Pe Américo. Uma das missões dessas conferências dentro da Obra da Rua é a visita domiciliárias às famílias necessitadas, pobres, doentes e idosos. Antigamente iam os gaiatos com a saca a 'tiracolo', como 'soldados pacíficos' conquistando a confiança dos pobres, a simpatia dos ricos e o amor de todos. Consolam, ajudam e convivem com eles. Actualmente esta assistência faz-se pelos apelos a donativos no *O Gaiato* e, posteriormente pela visita e partilha das dádivas aos pobres.

Há, também, as '*Conferências do Santíssimo Nome de Jesus*' com sede em Paço de Sousa para auxiliar pobres, doentes e necessitados, sendo responsáveis antigos gaiatos que apelam à ajuda dos assinantes do jornal para situações particulares de miséria. Os donativos provenientes de todas as partes do mundo são entregues às pessoas nessas situações de aflição social e sobrevivência. No Lar do Porto esse espírito vicentino está presente através das '*Conferências de S. Francisco*', em que certos casais, alguns deles gaiatos, estão encarregados de auxiliar na zona do Porto a famílias pobres constituindo-se em 'visitadores' domiciliários com os pecúlios provenientes dos amigos da Obra da Rua e do jornal *O Gaiato*.

*- *Dimensão associativa -Associações de antigos-gaiatos*. Na década de 80 do século passado nasce a ideia entre os antigos-gaiatos de criar associações, extensiva aos familiares dos que já faleceram. Os objectivos são os de fazerem de cada gaiato associado um irmão, um irmão próximo do seu próximo, num ambiente de solidariedade, amizade, convívio e ajuda mútua entre eles, numa estreita colaboração com a Obra (cooperação), mantendo vivos os princípios socioeducativos e cristãos legados pelo fundador.

Cada associação está constituída como uma entidade de solidariedade social (personalidade jurídica e moral), com o seu símbolo, realizando várias actividades, como festas (Natal, Carnaval, Páscoa, S. João), excursões, ajudas para minorar as necessidades prementes dos irmãos mais carenciados, e, principalmente, os encontros anuais (Julho). Nestes encontros reúnem-se em confraternização os gaiatos, os familiares e os amigos da Obra da Rua, numa 'filosofia de encontro' e de convivência, mantendo-se o princípio que os gaiatos são os continuadores da Obra. Destacamos nessas associações o papel das esposas e familiares desses gaiatos na promoção e organização dessas iniciativas. Faz-se anualmente retiros de casais, desde 1991, em determinados lugares, sob temáticas cristãs de interesse.

Actualmente são cinco as Associações de antigos-gaiatos a quase totalidade delas com estatutos devidamente aprovados e publicados no 'Diário do Governo'. A mais antiga é a 'Associação da Comunidade 'O Gaiato' (símbolo o 'pelicano'), criada legalmente em 19/07/1981 (escritura pública em 26/07/1991 – Cartório de Palmela), com sede própria em Setúbal e com cerca de 130 gaiatos associados que saíram da Casa e do Lar de Setúbal ou que vivem na zona sul do País, tendo realizado até agora mais de vinte e cinco convívios anuais; a 'Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro' (símbolo idêntico ao da Obra da Rua), criada em 6/01/1985 (escritura publica em 29/01/1994 – Cartório de Anadia), com sede em Coimbra e com mais de 200 gaiatos e familiares associados, a maior parte saídos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo ou que vivem na zona centro; a 'Associação dos Antigos Gaiatos do Norte' (o símbolo é a cara do P.e Américo e da 'Aldeia), criada em 1984, com sede no Porto e com cerca de 300 gaiatos associados, a maioria deles saídos de Paço de Sousa' e do Lar do Porto e residentes na zona do Norte; 'Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa', criada em 1999 com cerca de 70 gaiatos associados e esperando a sua legalização; a 'Associação dos Antigos Gaiatos de Malange' (Angola), criada em 1992, com mais de 30 associados residentes no País, que celebram numa das Casas os seus encontros.

*- *Dimensão de apoio à habitação -Cooperativa de habitação económica dos Gaiatos.* No início da década de 90 do século passado, um grupo de antigos-gaiatos criou uma Cooperativa de Habitação, ligada à Casa do Gaiato de Paços de Sousa, com os seus corpos directivos. Trata-se do projecto de urbanização em 'Vales', com vista à construção de casa própria para os gaiatos que queiram mudar de vida ao saírem das Casas e dos Lares e, ainda, para os que, tendo família constituída, têm fracas posses para construir uma casa para viverem. Este projecto de construção prevê a construção de um salão social e de um infantário para as crianças⁹. Além disso, a Cooperativa recebe muitos donativos de amigos da Obra e, assim, ajuda e dá facilidades a quem queira adquirir ou construir a sua casa, no mesmo sentido do 'Património dos Pobres' na ajuda às famílias pobres.

⁹ Este Projecto em Vales com a ajuda da Câmara, arquitectos e engenheiros tem duas fases. Na primeira fase, já concluída, construíram-se 19 moradias (quatro blocos), que contemplam 43 famílias com condomínio (gestão e administração de três membros e contas do exercício) e uma segunda fase com a construção de 27 moradias, numa média de mais de mil contos por fogo (O Gaiato, 1993: 2).

Nas outras Casas do Gaiato muitos antigos gaiatos têm construído nos arredores (terrenos da Obra ou adquiridos por ela) as suas moradias com a ajuda financeira da Obra. De facto, é

uma empresa de expansão da Obra e de solidariedade entre os gaiatos e as famílias mais necessitadas, com virtualidades de (auto) construção de casas para viverem essas famílias, sabendo que a habitação é um dos factores importantes para o seu bem-estar.

*- *Dimensão cultural e recreativa (Festas, actividades)*. São as actividades para os gaiatos testemunharem e transmitirem a mensagem do Pe Américo, dando a conhecer à sociedade o teor da Obra, a sua valorização e as suas vivências (histórias de vida). Nos cinemas, auditórios, teatros e lugares públicos e de entidades particulares, os gaiatos das Casas de Coimbra, Paço de Sousa, Lisboa e Setúbal realizam espectáculos recreativos (teatro, musicais, culturais), que também são formas de angariação de fundos. Nestas festas descobrem-se aspectos axiológicos e educativos que fazem participar os gaiatos em actividades de que gostam e lhes desenvolvem capacidades. É a continuidade dessa filosofia do encontro entre os 'gaiatos' e a sociedade, para vivificar a memória do fundador face às misérias morais e sociais do nosso tempo.

*- *Dimensão comunicativa - Comunicação social* com o jornal *O Gaiato* criado em Março de 1944. Desde a sua fundação o jornal passou a ser o porta-voz da Obra, na denúncia de muitas situações sociais e humanos, das crianças abandonadas e a sua reconversão moral e formação para a vida como homens válidos. É o meio que mais viva mantém a memória do fundador, afagado na 'mística' que ele deixou aos gaiatos, insuflando amor, alegria e solidariedade. Antigamente os gaiatos saíam para a rua vendendo-o por todo o País, aclamando a doutrina e a pedagogia da Obra da Rua com a sociedade. O jornal transmite por todo o mundo aos cerca de 40 mil assinantes, quadros de partilha, fraternidade e de justiça. O '*Famoso*', como também é conhecido foi, é, e será uma tribuna de gerações dos gaiatos, com os seus cronistas e com os leitores e assinantes, com uma tiragem de 60 mil exemplares¹⁰.

Por último, na impossibilidade de darmos o movimento demográfico dos gaiatos entrados nas diversas Casas e Lares, podemos dizer que em 1965 havia nas quatro Casas portuguesas 675 gaiatos, em 1987 o número era de 577 gaiatos, já que as africanas estavam

¹⁰ Os cronistas pioneiros foram o Júlio Mendes, o Luís Barbeiro, o 'Foz-Coa', o Caniço, o Abel, o Herlander, o Carlos Gonçalves, etc. que, desde 1949 até 1960 compunham e narravam a vida das Casas e Lares, enquanto os 'padres da rua' divulgavam o espírito da Obra. Deu-se, assim uma vivência intensa com os leitores, uma 'filosofia de encontro', que ainda hoje se mantém com muitos assinantes a visitarem as Casas do Gaiato.

¹¹ A distribuição dos gaiatos neste ano de 1965 era a seguinte nas Casas e nos Lares pertencentes a elas: Miranda do Corvo 75, Paço de Sousa 180, Santo Antão do Tojal 110, Setúbal 120, Beire ('O Calvário') 20, em Angola a Casa de Malange 20 e em Benguela 65. Nos Lares de Coimbra, Porto, Lisboa e Setúbal havia muitos estudantes (liceus, escolas técnicas, magistério primário, universidade) e trabalhadores, num total de 85 gaiatos, o que perfaz um total de 675 gaiatos.

¹² Para termos um cálculo estatístico aproximado, detectamos pela direcção e informações complementares recolhidas em entrevistas informais aos responsáveis das diversas associações de antigos gaiatos, que dos quase 700 associados, cerca de 18% a 20% são gaiatos emigrados.

desactivadas, em 1995 havia mais ou menos 1100 gaiatos em todas as Casas e Lares do Gaiato da Obra (Portugal e África) e em 2000 essa população aumentou ligeiramente para 1200 gaiatos, mantendo-se na actualidade à volta de mil rapazes¹¹. A dar crédito às palavras do P.e Carlos Galamba e dos outros padres da rua e do antigo-gaiato Júlio Mendes a população é mais ou menos invariável ao longo dos anos nas Casas e nos respectivos Lares.

Em relação aos gaiatos que emigraram para vários países do mundo, também não fomos capazes de elaborar um quadro estatístico do 'gaiato emigrante', mas, nas entrevistas aos padres da rua, há-os, quase todos com família constituída e empregos estáveis, em França, Alemanha, Espanha, Suíça, Luxemburgo, Angola, Moçambique, Brasil, Canadá, Venezuela, Austrália, África do Sul, etc.¹².

3- Doutrina pedagógica à luz das pedagogias novas

Entendemos por pedagogias novas as teorias e as práticas pedagógicas que, em vez de se imporem à criança (educando) desde o exterior, se desenvolvem indo ao encontro das suas necessidades, interesses, expectativas, desejos e aspirações e das suas capacidades de expressão (relação: criança/meio). Os educadores apoiam-se num discurso e acção educativa que continuamente define e redefine, a partir dos 'sinais' ou aspectos intuídos do comportamento do educando. Deste modo, o essencial das novas pedagogias do século XX foi o de introduzir uma acção educativa e um discurso e/ou uma linguagem adaptada ao sujeito da educação e à comunidade (espaços) na qual se socializa e se desenvolve (teorias de Dewey, Montessori, Decroly, Claparède, Piaget, etc).

Nestas pedagogias novas tem um especial significado o conceito pedagógico de 'adaptação' e, em particular, a adaptação do gaiato ao ambiente das Casas do Gaiato. O rapaz adapta-se social e pedagogicamente pouco a pouco ao novo am-

biente, recebendo dele os influxos necessários que lhe permitem recuperar-se fisicamente, reverter-se moralmente e formar-se pessoal e socialmente, num sistema de autogoverno familiar, em liberdade e com sentido de responsabilidade. Estes factores educativos são determinantes à sua adaptação e para o processo de desenvolvimento e formação das suas capacidades. Trata-se de uma adaptação assumida livremente pelo rapaz nessas comunidades em família com um sistema de 'portas abertas'. Adaptam-se sem conflitos e coacções, e se há conflitos intentam resolvê-los com os padres da rua e chefes, sendo livres de saírem quando quiserem. As fugas de alguns rapazes devem-se à falta de adaptação ao trabalho e às obrigações comunitárias em grupo.

Pedagogicamente essa adaptação apresenta dois aspectos. O primeiro aspecto é o carácter fundamental da pedagogia da Obra da Rua, enquadrado nas pedagogias novas, que consiste num autogoverno em família na base da liberdade responsável, no respeito e na confiança pelo gaiato. Esse 'con-fiar' e respeitar a pessoa do educando implica a consideração ao ser humano na sua originalidade e às circunstâncias em que se encontram: sintomas, anormalidades, carências e inadaptações. Os padres da rua estão atentos aos interesses do rapaz, dando-lhe amor, apoiando-o, falando-lhe verdade e respeitando-o, porque para o P.e Américo " (...) Não é um estranho que se apresenta; é um filho que chega à casa paterna (...) Não há melhor sala no mundo para receber garotos assim, do que as de jantar (...) Daí a nada entendem-se; são irmãos" (P.e Américo, 1983: 49-50). O rapaz, assim à vontade, desperta espontaneamente as suas capacidades, o seu encanto, imprimindo a tudo o que faz alegria e felicidade, isto é, pondo em tudo a marca da sua infância, pois "Quem toma o remédio por suas mãos, cura-se com o seu travor" (Ibid., 1985: 37).

Deste modo os educadores (padre da rua, chefes, senhoras voluntárias) situam-se entre uma 'procura' que deverá atender (intervenção) e um desejo (valores) que devem promover, libertando o rapaz das más tendências, ajudando-o a reverter-se (pedagogia da reconversão moral). Essas acções educativas (não directivas, anti-autoritárias) têm duas fases sociopedagógicas: o amor do saber e o saber do amor e entre a exigência dos desejos do amor e do saber não reprimidos. cremos que as pedagogias contemporâneas se ajustam, facilitam e implicam a procura desse 'desejo' ou interesses, da identificação de si mesmo à confiança em si mesmo pelo encontro (convivência, comunicação, relações pessoais).

O segundo aspecto da adaptação refere-se ao estatuto social do gaiato. Normalmente ele foi cúmplice, sem o saber, das más influências, promiscuidade em que viveu e carências da família. Nesses meios de promiscuidade ou de anomalias familiares os rapazes vêm-se privados de uma voz própria (direitos), praticando a delinquência, marginalidade, mendicidade ou vagabundagem, renunciando a serem aquelas crianças e jovens normais, mas sim desapaosados de si mesmo, tanto por reclusão como exclusão.

Pe Américo, com as Casas, estabeleceu um ambiente com espaços naturais para os rapazes se (auto) educarem em liberdade. Poderíamos dizer que não é possível ser-se sujeito sem primeiro se reconciliar com a sua infância. Há, pois, um ritmo próprio, quotidiano que é tido em conta na comunidade, sob influxo do ambiente envolvente (físico-natural, comunitário e axiológico). Estas comunidades educativas instituem a utiliza-

ção do tempo na vida comunitária familiar, no trabalho e obrigações quotidianas, na escola ou no recreio, no campo ou nas casas-família, etc. Todo este '*ritmo activo*' está patente em toda a convivência, no brincar, nas oficinas, nas atitudes e nos comportamentos diários dos rapazes¹³. Por este motivo, admitimos nas Casas do Gaiato uma pedagogia activa, situacional e de naturalismo ambiental orientada para a vida do rapaz, para que este possa alcançar a sua autonomia.

¹³ Designamos por 'ritmo' a passagem entre dois níveis: o da adaptação como aquisição de hábitos, de destrezas, de conhecimentos, das normas de disciplina, das obrigações e tarefas, do sentido de responsabilidade no trabalho, etc. o ambiente na comunidade que impulsiona e estimula as manifestações do 'imaginário' do rapaz, as suas pulsões, as suas capacidades ou aptidões, etc., criando novas atitudes e comportamentos, uma consciência moral no agir.

A confiança é outro factor determinante usado nas Casas para conquistar e elevar moralmente os rapazes que nelas entram e se adaptam. Os educadores confiam-lhes cargos e tarefas de responsabilidade, exigem-lhes amor ao trabalho (no campo, nas oficinas no estudo, nos empregos), exercendo livremente as suas obrigações em autodisciplina, a fim de chegarem pelo brio a uma autonomia adequada para a vida. A acção educativa não deve trabalhar sobre a vontade do educando que, por natureza, foge a qualquer determinação. Porém, o imprevisível dos efeitos das acções educativas é bem evidente naquele episódio de um gaiato que, empregado no Porto, não dera prova de fidelidade, volta do Lar cidadão à Casa de Paço de Sousa, para um novo estágio de recuperação. Se não melhora e é posto a traba-

lhar no campo e o seu comportamento piora. Tal método, usado com eficácia em tantos outros gaiatos, com esse não logrou nenhum efeito (P.e Américo, 1971: 234-236).

Algumas dessas resistências são contrabalançadas com a grande percentagem de êxitos e de eficácia formativa (pedagógica), pois, como dizia o P.e Américo: “*Senhores pedagogos, queimai os tratados, que tudo está errado. Quem quiser saber pedagogia, há-de estudar no próprio educando. Cada um é uma página e todos fazem um livro*” (P.e Américo, 1951: 4). Este é o melhor exemplo para os que se dedicam ao ensino: aprender a partir do educando numa aproximação simultânea para que desde ele possamos orientá-lo nos seus interesses e motivações e a desenvolver as suas competências.

Efectivamente, a pedagogia da Obra da Rua se insere no âmbito das novas pedagogias, pois, nela destacamos a experiência e a dedicação dos educadores, assumindo-se como um orientador que estimula os gaiatos, fazendo parte da mesma comunidade e modo de vida, aconselhando, vivendo as mesmas emoções, expressando a mesma linguagem, dando-lhe amor. A prática vivencial dos rapazes nesse ambiente familiar e o tipo de relação pedagógica existente faz com que essa pedagogia seja anti-autoritária, não directiva, num autogoverno familiar, com uma ‘filosofia de comando’ de chefes (cada grupo etário de rapazes -‘casas de família’, tem um chefe e um subchefe eleito democraticamente em Janeiro de cada ano para gerir e supervisionar as tarefas e obrigações comunitárias) e numa (auto) disciplina assumida voluntariamente, com uma educação de índole não-formal.

São os imperativos morais e o ambiente que incitam o gaiato a participar na vida comunitária, a desfrutar dos espaços e a formar-se pessoal e socialmente. Esta educação do gaiato nas Casas e Lares, tal como a ‘*Ausbildung*’ de Kerschensteiner, é uma aprendizagem do ‘saber-ser’, uma auto-formação para o ‘saber-fazer’, para o ‘saber-viver’, segundo os valores cristãos. É uma pedagogia essencialmente prática, personalista e axiológica aplicada a um tipo especial de educando, num ambiente especial, mas propício à formação para a vida.

Em síntese, a Pedagogia da Obra da Rua (Casas e Lares do gaiato) tem muitas coincidências com as ideias das pedagogias modernas, tais como os seguintes aspectos:

- Os fins educativos são o de recuperar moralmente e formar pessoal e socialmente o gaiato, de modo a autorrealizar-se (autonomia) e cultivar valores para a cidadania (inserção social);

- Os educadores, especialmente os padres da rua tem a função de assistir, de conduzir e orientar os gaiatos, aumentando-lhes a energia espiritual e axiológica (prática da moralidade);
- O respeito pela individualidade de cada rapaz (personalismo pedagógico);
- O valor do ambiente e do sistema de 'autogoverno' de tipo familiar em que os gaiatos exercem a liberdade com sentido de responsabilidade, aprendendo em ordem e disciplina a educação recebida, que faz despertar as capacidades e aptidões de cada um deles;
- O sentido de responsabilidade em grupo e em comunidade, numa educação para o trabalho;
- Agrupamento dos rapazes em 'casas-família' (por idades), em grupos de trabalho para as suas obrigações (dinâmica de grupos pelo trabalho diário);
- O factor da 'natureza' como meio físico-natural (naturalismo pedagógico) estimulante à recuperação física e ao desenvolvimento do gaiato;
- A pedagogia das relações comunitárias expressa numa filosofia de comando exercida pelos chefes na supervisão do cumprimento das tarefas e no auxílio educativo aos seus pares;
- As Casas do Gaiato são autênticas comunidades educativas 'quintas-escolas' (aldeias educativas) propícias à participação, à socialização, às relações pessoais e à convivência; etc.

Na verdade, nesse ambiente estimulante o rapaz cresce e faz-se valer por ele próprio, começa a adquirir valor, convive e trata a todos com respeito e naturalidade. Esta foi uma lição pedagógica que o P.e Américo deixou, muito devido à influência e ao papel do ambiente na educação e formação pessoal e social do gaiato.

4.-Os Contributos do fundador à História da Educação

Na interpretação hermenêutica aos escritos do P.e Américo, do O Gaiato e às visitas às Casas e Lares do Gaiato, nem sempre podemos conter o entusiasmo pedagógico, social e humano que transmite aos educadores. A doutrina do P.e Américo, mesmo não sistematizada, pode encerrar, e encerra, uns fundamentos teórico-práticos e uma riqueza educativa práti-

ca aplicada na pedagogia da Obra da Rua. Inventariámos algumas dessas ideias pedagógicas fundamentais que constituem um contributo para a História da Educação portuguesa.

- Destacamos a dimensão filosófica e pedagógica do pensamento e da Obra do P.e Américo, com uns pressupostos e fundamentos de uma filosofia de educação e da teoria educativa que gerou a Pedagogia da Obra da Rua, expressa no projecto pedagógico das Casas e Lares do Gaiato. Estruturámos esses elementos filosóficos, teológicos, sociológicos, axiológicos e pedagógicos latentes no seu agir e nas suas acções. É de realçar o percurso biográfico do P.e Américo, alguns aspectos da sua vida (filosofia da vida), o seu perfil de homem cheio de virtudes como educador social, orientador, escritor que sabia comunicar com o povo numa linguagem simples mas penetrante (Martins, 2003).
- A vertente filosófico-teológica no P.e Américo leva-nos a analisar a sua espiritualidade activa, a sua filosofia do amor ao próximo, que tem na oração (meditação) a descoberta da sua identidade pessoal, numa atitude de relação, tendo como porta para a acção a '*Cristo Vivo*' ou '*Cristo Ressuscitado*' do Evangelho e não o '*Cristo Crucificado*' da devoção popular do seu tempo. É com esse *Cristo Vivo* que descobre e se aproxima às realidades sociais e humanas degradantes, à pobreza e miséria, aos excluídos e às crianças abandonadas, o que o impele a realizar uma acção social e educativa, criando para a infância e juventude abandonada e marginalizada uma obra que passa a ser o seu lar/família, tal como ele dizia " (...) *debaixo das nossas telhas nós guardamos as histórias mais pungentes e mais humanas que o céu de Portugal alumia! Nos nossos dormitórios embalamos com lágrimas de ternura as tragédias cruciantes da pobre Humanidade (...) Que a Obra da Rua, por ser da rua, seja caminho dos tresmalhados* " (P.e Américo, 1985: 16 e 140).

Esta sua filosofia de vida e do agir, em prol do homem em situação limite de sobrevivência e de existência, expressa uma axiologia moral, uma inspiração humanista e personalista, tendo como fontes o amor, os valores e a caridade social. A sua filosofia de acção social, impregnada de valores cristãos implica, por um lado, que o "*Botar barracas abaixo é amar. Dar a cada pobre uma habitação decente, é amar. Dar-lhes pão, outra vez o verbo amar.*" (P.e Américo, 1980: 126), e, por outro lado, o amar o " (...) *Pequenino desamparado; e que toda a riqueza, todo o êxito, todo o assombro da Obra da Rua seja o efeito duma missão divinamente cumprida*" (P.e Américo, 1982: 160).

- Pe Américo foi um educador social na forma como orientou e conduziu os garotos na rua e os gaiatos nas Casas do Gaiato. Legou princípios pedagógicos que fazem reflectir os educadores sobre a eficácia de recuperação, reconversão e formação dos gaiatos que passam naquelas comunidades. Revela-se nele o 'pedagogo' com coração de pai que, por amor e intuição, construiu caminhos inesperados que permitiam um clima de desenvolvimento e de amadurecimento, antes impensável. Revela-se também o 'educador' realista que abriu novas frentes de acção para responder às causas que afligiam as crianças do seu tempo, que andavam ao '*Deus dará*' nas ruas. Pelas características e pelo campo onde exercia as suas acções sociais, educativas e assistenciais é um 'pedagogo social', um educador do social que interveio sobre as problemáticas dos seres humanos necessitados da sua época.
- Pe Américo apresenta, de forma diluída, um conjunto de pressupostos no âmbito da filosofia e da teoria da educação, cimentada na ideia de uma educabilidade, no acreditar no desenvolvimento das capacidades e 'forças interiores' do educando, no seu processo formativo para a vida (cidadania), num ambiente familiar em liberdade responsável, cultivando valores humanos (metas educativas e axiológicas) que têm impacto na sua formação pessoal e social, para alcançar a autonomia e se fazerem homens úteis, pais de família, competentes para desempenharem um emprego, cidadãos participativos e pessoas com dignidade. Aos educadores cabem-lhes orientar educativamente o gaiato, deixando que o ambiente tenha o papel de estimular a força de vontade, a confiança em si mesmo (auto-estima), o poder de iniciativa, a consciência moral, o carácter e o amor ao trabalho.
- Pe Américo, com a experiência na realidade que pisava nas zonas urbanas, realizando as suas acções, conhecia a proveniência do rapaz, os seus vícios e tendências que lhe causava a vida na rua, a situação de abandono, os sintomas e as carências que arrastava. Por isso, ele descreve nos seus escritos as histórias de vida dos gaiatos na sua adaptação, formação nas Casas do Gaiato. Nesse ambiente familiar comunitário o rapaz dispõe de liberdade com sentido de responsabilidade, manifestando a sua felicidade de ser criança amada. A metodologia e a prática de autogoverno fazem-no assumir uma autodisciplina voluntária e livre, sob uma 'filosofia de comando' dos chefes na vida quotidiana. Todos estes aspectos educativos têm na prática, uma importância pedagógica de fazer de cada rapaz um homem.

O princípio educativo que se utiliza na prática social e educativa (Casas e Lares) é o ambiente que leva o rapaz a adap-

tar-se e a auto-formar-se, resultante do ambientalismo ou naturalismo existente no quotidiano dessas comunidades educativas.

Com efeito, o P.e Américo é fascinado pela realidade envolvente, aquela que integra o homem em situação limite de existência e de sobrevivência (filosofia da existência). Dessa aproximação ao real, através da acção (vertente educativa e social), expressa a sua pedagogia social, um naturalismo pedagógico (pestalozziano), uma psicologia afectiva e das relações e uma vertente moralizadora e/ou axiológica (essencialismo ambientalista) e cultural.

Estas vertentes do seu agir têm como meio de união a filosofia, como meio de intervenção a 'pedagogia' e como forma de meditação a 'teologia/axiologia'. Todas elas expressam uma filosofia de vida e de acção. A 'família' e o 'trabalho' estão presentes no seu projecto pedagógico comunitário (psico-afectivo, social) das Casas do Gaiato. Além disso, o naturalismo pedagógico e essencialismo ambientalista (vinculado à educação do rapaz) e o personalismo educativo é quanto a nós a chave da eficácia socioeducativa da sua Obra.

São estas contribuições teórico-práticas do P.e Américo e da pedagogia da Obra da Rua que merecem a sua inclusão na História da Educação e/ou da História das Ideias Pedagógicas em Portugal. No âmbito da pedagogia social (História da Educação Social) a Obra apresenta uma vertente terapêutica, assistencial e socioeducativa, incluindo as acções do P.e Américo e dos padres da rua (educador do social) em prol dos pobres, abandonados, excluídos e das crianças da rua. O P.e Américo é o 'pestalozziano' deste século XX no nosso País. É importante realçar a sua referência na História da Assistência à Infância, principalmente a vadia, abandonada, marginalizada, pobre e órfã, à qual se dedicou inteiramente mais de vinte anos de apostolado e que continua na eficácia social e pedagógica da Obra da Rua até à actualidade para centenas de rapazes.

5-Contributo do P.e Américo à História da Igreja

O fundador do *O Gaiato* foi uma das vozes da Igreja que mais se fez ouvir no seu tempo, numa atitude de 'revolucionário pacífico', mas activo no modo com que abordava os problemas e as situações das famílias pobres, dos abandonados e excluídos, lutando contra as injustiças sociais, da passividade de muitos párocos, por não realizarem uma pastoral social em prol dos seus

paroquianos mais necessitados e, ainda, pela falta de uma política social eficiente do estado salazarista. De facto, ele perdura no presente e cintila no futuro, por transcender-se na sua conduta normal de padre e de ser humano (Pereira, 1987: 117-119).

No Pe Américo encontramos vestígios de alguns modelos de apostolado social (S. Francisco, S. Vicente Paulo, S. João de Deus, S. Damião, etc.) ao identificarmos a sua doutrina socioeducativa como um exemplo vivo e participativo com a pobreza (filosofia da pobreza), numa experiência prática vivida e sentida com o ser humano em situação-limite de sobrevivência e existência, dignificando-o como pessoa (humanismo social e personalismo), pela convivência e encontro na própria realidade social degradante (filosofia do encontro), e lutando incessantemente por alterar muitos dos flagelos sociais da época (filosofia social).

Foi dessa doutrina de acção social que brotou a caridade, o amor e a espiritualidade activa, a dedicação educativa aos abandonados e excluídos, pois, tal como nos diz: *“Sim; não leio nos livros, mas trago os olhos pisados das lágrimas dos que sofrem; o estômago doente, dos famintos; o corpo dorido, dos andrajos; a vida magoada, das privações dos Irmãos (...) Sim; não estudo, mas procuro levantar os estropiados sem bramar; e pedir aos afortunados, chorando, que me ajudem a fazê-lo, que esta é doutrina segura”* (Pe Elias, 1958: 124).

Apesar de ler pouco, observava, intuía o que via nessas realidades, meditava, de modo que o Evangelho lhe dava o impulso para agir. Esta é a expressão da sua doutrina, como um ‘apóstolo’ que aprendeu das suas acções na ‘escola real’ da vida, onde se encontrava com o ‘pobre’ com o abandonado, sob o signo de ‘Cristo Vivo’, sofrendo e sentindo as suas necessidades, já que *“Eu não leio, nem faço, nem escuto discursos, que o tempo não me dá para tanto. Caminho – apaixonado. Perdemos com eles horas preciosas a ensinar o Mundo como se há-de fazer – sem fazer; e os outros vêm – e fazem.”* (Obra do Pe Américo, 1974: 582) pela caridade e pelo amor. Ou seja, ele foi um renovador e regenerador da sociedade e da Igreja do seu tempo e adiantando-se às directrizes do Vaticano II e, como diz o Arcebispo do Porto *“A História da Igreja está cheia de homens e mulheres que deixam tudo para se darem a Deus; que acreditam e se comprometeram, porque perceberam que uma só coisa é necessária: Vai, vende tudo o que tens e segue-me, como o Senhor disse ao jovem rico”* (Rebimbas, 1987:16). Ele seguiu e praticou o Evangelho em caridade social.

A Obra da Rua, no sentido assistencial, social e educativo, colmatou muitas das deficiências de uma fragilizada pastoral social da Igreja nessa época às famílias pobres e excluídos. Depois da Concordata entre o Estado e a Santa Sé, em 1940, a participação da Igreja passou a ter uma maior atenção aos problemas assistenciais a esses colectivos necessitados. O Pe Américo que, no início, não era bem aceite pelos sacerdotes, passou a ser admirado pelos círculos hierárquicos da Igreja, dimensionando a sua intervenção em prol dos pobres e das crianças abandonadas, actuando nos lugares de pobreza e miséria social, incutindo nos sacerdotes essa tendência de estar mais próximos dessas realidades e das dificuldades dos seus paroquianos, actuando para o bem destes (*'Património dos Pobres'*).

Efectivamente, houve nele uma profundidade espiritual nas suas acções, atraíndo os crentes e os descrentes, os cultos e os incultos, os eruditos e o povo (*vox populum*) e pela autenticidade do seu viver (filosofia católica de vida) e coerência de vida em pobreza que levou. Mais que um facto histórico, à margem do qual a História da Igreja deste século XX, principalmente no âmbito da pastoral social, ficaria mais pobre e incompleta sem o Pe Américo, pois ele é uma herança e um património sacerdotal e vocacional de grande valor.

Ele foi na sua época o dedo indicador, interpelador e responsabilizador, sob o qual as crianças da rua, os marginais, os pobres e os sem-abrigo, que deambulavam nos antros da sobrevivência e do abandono, se escondiam de muitos males da sociedade¹⁴. Tomou consciência desses dramas sociais e humanos, divulgando e lembrando no O Gaiato às classes sociais mais favorecidas economicamente a necessidade da solidariedade, da reflexão e da emergência de acções ou medidas tendentes a proporcionar formas de libertação, de dignificação e de intervenção aos que a marginalidade escravizava e excluía.

Esta maneira de intervir no social e no quotidiano humano, converteu-o num místico da dura e fatigante monotonia do dia-a-dia, num educador que ama,

¹⁴ A Comissão Episcopal da Acção Social e Caritativa realizou em 1986 a IV Semana Nacional de Pastoral Social, sob o tema *'Marginalidade dos Jovens no Centenário do Pe Américo'*, em Fátima, de 1 a 5 de Setembro, no Centro Paulo VI, que contou com a participação de mais de 7000 pessoas, sendo presidido pelo Bispo Coadjutor de Aveiro, D. António Marcelino na qualidade de Presidente daquela Comissão, abordando-se em sessões plenárias e parciais temáticas ligadas à marginalidade dos jovens e respectivas causas, a família e a comunidade nessas situações e, ainda a pedagogia do Padre Américo no acolhimento, formação e inserção social dos gaiatos, como um exemplo de prevenção.

protege e educa. A sua doutrina social expressa antecipadamente a dimensão da pastoral social da Igreja que saiu do Vaticano II, que deu prioridade à pessoa humana, respeitando-a e promovendo a índole social do homem, procurando o desenvolvimento da sociedade, favorecendo os vínculos sociais, promovendo a natureza espiritual do homem, defendendo este das injustiças sociais, zelando pelos direitos humanos e pelos direitos e deveres da criança, isto é, relacionando a caridade com a justiça numa inter-relação e intercomplementariedade. Deste modo, a Igreja passou a ter mais consciência da sua missão ao serviço dos pobres, dos oprimidos e excluídos, salvando muitos desses seres humanos da miséria física e moral.

Pe Américo iniciou uma 'revolução pacífica', como padre, como homem universal e como educador, pois "*Todo aquele que, dentro das obras chamadas sociais, pretende fazer e na verdade faça obra humana, torna-se, por isso e só por isso o Revolucionário do seu tempo.*" (Pe Américo, 1978: 28). Frente às situações de pobreza, miséria e marginalização, exigia dos sacerdotes e dos cristãos uma prática solidária partilhada e mais interventiva, uma sensibilização efectiva e consciencializada com os problemas que afectavam muitos seres humanos pobres. Quis mais acção caritativa e menos palavras (Notícias da Covilhã, 1941: 1).

Quando emergiu para a periferia da Igreja as decisões do Concílio Vaticano II em que se proclamou 'pobre' e 'serva dos pobres', em quantos textos desse Concílio coincidem com os do Pe Américo, onde ele espelhou a sua mística dinamizadora de toda a sua vida. Daí que um dos seus contributos à Igreja do seu tempo foi o de incentivar as paróquias e os sacerdotes para uma pastoral familiar e social, de apoio aos necessitados, ajudando-os material e espiritualmente, e dando-lhe a possibilidade de terem uma casinha. O seu legado é o apelo ao compromisso da Igreja em fazer caminho com os marginais e excluídos, de modo a comprometer muitos prelados e sacerdotes do seu tempo ¹⁵.

¹⁵ Para o Arcebispo Emérito do Porto: "*O Padre Américo teve uma influência decisiva no que veio a acontecer na minha paróquia e que vos referi (...)*" (Rebimbas, 1987: 15), isto é, organizando colónias para jovens pobres, confraternidades vicentinas, construção de moradias, lares para os idosos, centros paroquiais de assistência e formação, jardins-de-infância, visitas domiciliárias, etc.

Para ele, Igreja e 'rua', Igreja e marginais, Igreja e pobres, são expressões que espontaneamente se relacionam, gerando na comunidade e nos cristãos compromissos permanentes e novas formas de vida e acção, numa solidariedade activa (Comissão Epis-

copal, 1987: 6; Marcelino, 1987: 11-19; O Gaiato, 1987: 1 e 2). Pe Américo teve na palavra evangelizadora e na acção, as bases da caridade social cristã, tendo sido um padre que, incarnando com generosidade e realismo franciscano o espírito do Evangelho, se tornou sinal do amor infinito aos mais necessitados.

Ao inclui-lo como um dos grandes da História da Igreja Contemporânea de Portugal, destacamos o papel de um religioso que mexeu com todos e alertou para as realidades sociais e humanas, levando a comunidade a compreender e a corresponder solidariamente às necessidades dos outros e em particular das crianças abandonadas. Pelo seu testemunho, como padre e cristão, pelo que foi e fez, merece ser reconhecido pela Igreja como um 'apóstolo social' do seu tempo (Camoniano, 1956:1-4; Pessoa, 1956:1-5; Pimentel, 1956: 1).

Efectivamente a maneira de ser do Pe Américo, a sua linguagem, a sua sensibilidade constitui uma forma de ir ao íntimo das pessoas fazendo-as reconsiderar nas suas vidas. Em cada circunstância, em cada situação e contexto, em cada ser humano por mais desprezível que fosse, descobria o coração do mundo: *"Ai que se a cada um de nós fizesse doer a sorte e o destino da Criança da rua, teríamos seguramente um Portugal maior; nem é preciso, mas melhor. Não acabariam os indesejáveis, que eles são um mal necessário; mas acabaria a injustiça dos bons, que isso é um mal livre – o verdadeiro Mal. Ora aqui está onde eu quero chegar"* (Pe Américo, 1984: 118 e 120).

Enfim, a Obra da Rua foi recebeu o apoio do bispado do Porto à sua morte, incumbindo-se da sua continuação, de modo a haver padres voluntários ao seu serviço, convertendo-se numa obra sob o signo da Igreja. De facto, ela tem o reconhecimento dentro da Igreja como uma das obras mais relevantes do século passado, de tal modo que o Centro Franciscano Internacional de Estudos para o Diálogo entre os Povos, com sede em Carrara (Itália) lhe atribuiu um dos seus prémios, o de 'S. Francisco e Clara de Assis', pela acção socioeducativa em prol das crianças e jovens abandonados, desamparados e marginalizados ¹⁶. Esperamos

¹⁶ Esta cerimónia, com uma Exposição da Obra da Rua, realizou-se no Palácio Ducal na Semana de 14 a 20 de Outubro de 1991 com o título 'Demos aos meninos e às meninas um futuro de Paz', estando presente Monseñor Arnaldo Pinto Cardoso, conselheiro Eclesiástico da Embaixada de Portugal na Santa Sé que falou da Obra e das Casas do Gaiato, o Conselheiro Cultural junto da embaixada Dr. Jaime Raposo, o Consulado de Portugal em Nápoles Dr.^a Cusatti, etc., tendo recebido o prémio o Pe Agostinho Borges (Reitor da Igreja de Santo António dos Portugueses) uma medalha em bronze com o símbolo Centro Franciscano. Este prémio valoriza além fronteiras e no mundo católico a Obra e toda a acção educativas nas Casas do Gaiato.

que a História da Igreja e História da Educação Social inclua nas suas páginas esta figura religiosa, como um dos baluartes da pastoral social deste século XX.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO (Pe), **Doutrina**, 1.º Vol. (2.ªed.), Paço de Sousa: Tip. Casa do Gaiato, 1974.

AMÉRICO (Pe), **Doutrina**, 3.º Vol. (2.ªed.), Paço de Sousa: Tip. Casa do Gaiato, 1980.

AMÉRICO (Pe), **Isto é a Casa do Gaiato**, 1.º Vol. (3.ªed.), Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1985.

AMÉRICO (Pe), **Isto é a Casa do Gaiato**, 2.º Vol. (2.ªed.), Paço de Sousa: Tip. Casa do Gaiato, 1971.

AMÉRICO (Pe), **Pão dos Pobres**, 4.º Vol., Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1984.

AMÉRICO (Pe), **Pão dos Pobres**, 3.º Vol.(3.ªed.), Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1982.

AMÉRICO, (Pe), **Obra da Rua**, (3.ª ed.), Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1983.

AMÉRICO (Pe), 'Sopa dos Pobres', **Correio de Coimbra** (Coimbra), Ano XVIII, n.º 875 (29 de Abril, 1939), p. 2.

AMÉRICO (Pe), 'Obra da Rua', **Correio de Coimbra**, Ano XX, n.º 1012 (7 de Fevereiro, 1942), p. 4.

AMÉRICO (Pe), Isto é a Casa do Gaiato, **O Gaiato**, Ano VIII, n.º185 (31 de Março,1951), 4.

BARBOSA, M. Durães. 'O valor educativo da Casa do Gaiato'. **Lúmen** (Porto), Ano 48, 5 (Maio, 1987), p. 43.

BATISTA (Pe). **O Calvário**. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1978

BRAUDEL, F. **Grammaire de Civilization**. Paris : Arthaud Flammarion, 1987

CAMONIANO, Vieira, 'O Padre Américo', **O Penafidense**, Ano 79, n.º 15 (24 de Julho, 1956), 1 e 4.

CENTENÁRIO DO PADRE AMÉRICO, **Cada Freguesia cuide dos seus Pobres –Solidariedade com os Pobres**, Paço de Sousa, Editorial de O Gaiato, 1987.

COMISSÃO EPISCOPAL PORTUGUESA, 'Nota Pastoral do Episcopado sobre o Centenário do Padre Américo', **Lúmen**, Ano 48, 2.ª Série II, n.º 1 (Janeiro, 1987), p. 4-6.

ELIAS (Pe), **O Pai Américo era assim**, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1958.

GAIATO (O), Nota Pastoral sobre o Centenário do Padre Américo, **O Gaiato** (Paço de Sousa), Ano XLIII, n.º 1117 (3 de Janeiro, 1987), pp. 1 e 2.

GAIATO (O), Centro Hospitar do Vale do Sousa, **O Gaiato**, Ano L, n.º 1313 (9 de Julho, 1994), pp. 1 e 3.

GAIATO (O), 'Maré Cheia', **O Gaiato**, Ano XIII, n.º 354 (5 de Outubro, 1957), p. 1-4.

GAIATO (O), 'Cooperativa de Habitação – Relatório e Contas de 1992 (...)', **O Gaiato**, Ano L, n.º 1287 (10/07/1993), p. 2.

MANUEL ANTÓNIO (Pe), 'Cinquenta Anos', **O Gaiato** (Paço de Sousa), Ano XLVI, n.º 1196 (13 de Janeiro, 1990), pp. 1 e 8.

MARCELINO, D. António, 'A Igreja frente à marginalidade', In **Marginalidade dos Jovens no Centenário do Pe Américo** –IV Semana Nacional de Pastoral Social, Lisboa: Cáritas, 1987, pp. 11-19.

MARTINS, Ernesto C., **Padre Américo o destino de uma vida**, Coimbra: Alma Azul, 2003.

NOTÍCIAS DA COVILHÃ, 'Coisas Sérias – O Padre Américo', **Jornal Semanário Notícias da Covilhã**, Ano 29, n.º 1086 (9 de Fevereiro, 1941), p. 1.

OBRA DO PADRE AMÉRICO, **Padre Américo. Páginas Escolhidas e Documentação Fotográfica**, Porto: Editorial Inova, 1974.

PEREIRA, H. Manuel, 'Marginalidade dos jovens no Centenário do Padre Américo', (Tema da IV Semana Nacional de Pastoral Social), **Atrium** (Lisboa), Ano 1, n.º 1 (1987), 117-119.

PESSOA, J. da Costa, 'Uma vida que foi um exemplo de Apostolado Cristão', **Revista Portugal Ilustrado**, Ano 3.º, n.º 51 (15 de Agosto, 1956), pp. 1 e 5.

PIMENTEL, Ângelo, 'Morreu o Padre Américo', **Jornal O Penafidelense**, Ano 79, n.º 15 (24 de Julho, 1956), p. 1.

REBIMBAS, D. Júlio T., 'O Caminho das bem-aventuranças na vida do Pe Américo', **Lúmen**, Ano 48, série II, n.º 11 (Novembro, 1987), p. 15.

SILVA, Daniel Borges, 'Reunião Familiar da Obra da Rua', **O Gaiato**, Ano XIII, n.º 354 (5 de Outubro, 1957), pp. 1 e 4.